

Ecoss de bruxaria: Um estudo antropológico sobre identidades, conflitos e afetos

Stéphanie Gribel¹

Resumo: Esta pesquisa busca compreender os variados sentidos que as pessoas que se consideram bruxas (os) atribuem a essa identidade e como ela se torna uma unidade. A partir da observação e participação em espaços voltados a bruxaria no Rio de Janeiro (RJ) e em Paranapiacaba (SP) e do contato com interlocutores, torna-se possível entender como questões sobre linhagem, saber intelectual e a existência de um dom dão forma a essa percepção sobre si.

Palavras-chave: Bruxaria; Feitiçaria; Magia; Identidade.

Tema da pesquisa

Esta pesquisa faz parte dos estudos sobre bruxaria. A partir de um olhar antropológico para o contexto atual em que homens e mulheres assumem identidades de bruxas (os), é possível perceber grupos e indivíduos que se articulam em torno de tal percepção sobre si. Buscando referências e inspiração em autores clássicos que já se debruçaram sob o tema, é possível traçar aproximações e distâncias acerca do entendimento sobre o que é essa prática hoje e quais conexões ela possui com antigas práticas pré-cristãs que lidavam com a sacralidade da natureza, o animismo (CASTRO, 2016) e o politeísmo (OLIVEIRA, 2019) em diversos lugares e momentos históricos.

Como expressão religiosa da bruxaria é possível citar a Wicca – considerada a religião moderna de bruxas e bruxos, foi objeto de inúmeras pesquisas que abordam questões referentes a sua história e a dos seus praticantes. No entanto, a falta de trabalhos dentro das ciências sociais que levassem em conta a resignificação da imagem da bruxaria (quando comparada com a da Idade Média) e abordassem os sentidos que essas pessoas atribuem à sua identidade de bruxa e bruxo para além de uma identidade religiosa fez com que se tornasse necessário explorar tais espaços.

O afastamento dessa perspectiva religiosa torna possível entender o tema a partir de três importantes questões que permeiam a construção da identidade dessas bruxas (os) – a linhagem, o saber intelectual e o dom. E, embora os interlocutores se mostrem a princípio como pessoas que imputam diferentes sentidos à sua identidade, existe um sentido de unidade

¹Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Orientadora Profa. Dra. Marta Regina Cioccarri.

a ser explorado, pois os praticantes de bruxaria atribuem sentidos diferentes a suas identidades, mas se unificam enquanto bruxas (os).

Objeto da pesquisa

Quando se fala em bruxaria na atualidade é preciso compreender que sua existência se dá a partir de diversas construções sobre o que ela é e o que faz seu praticante, por este motivo a pergunta fundamental que transpôs este trabalho foi em relação ao que unificava todas aquelas bruxas (os) que tinham construções diferentes sobre o que era a própria bruxaria, mas que se percebiam através da mesma identidade – de bruxa (o).

Por ser um tema clássico dentro das ciências sociais, existem diversos estudos sobre a bruxaria que foram conduzidos por importantes autores da área. Como exemplo, o trabalho de Edward Evan Evans-Pritchard sobre os Azande (1976), no qual a bruxaria é entendida como um sistema de acusação de malefícios. Ou, ainda, a pesquisa de Jeanne Favret-Saada (1977, 1990, 2005) que levou bastante tempo até que seus pesquisados comesçassem a lhe falar sobre a feitiçaria². Inclusive, em suas primeiras tentativas para construir uma interação, seus interlocutores negavam a existência da feitiçaria. A crença na feitiçaria normalmente era abordada pelos pesquisadores ou folcloristas como algo que pertencia a um passado ou, então, pertencia a pessoas tidas como ignorantes. Por isso, Favret-Saada só conseguiu avançar em sua pesquisa quando seus interlocutores consideraram que ela havia sido pega pela feitiçaria.

Tais estudos sobre o tema, bem como os escritos de James George Frazer (1982), Bronislaw Malinowsky (1988) e Marcel Mauss e Henri Hubert (2003), são fontes ricas para compreender de que forma foi se desenvolvendo os estudos sobre a bruxaria até chegarmos na atualidade, onde eles se tornam referências também para os próprios praticantes que buscam conhecer práticas antigas de magia e entender sua história. Sendo assim, tais fontes são importantes para os pesquisadores, mas também para os próprios praticantes de bruxaria.

Com o intuito de diferenciar a bruxaria ou feitiçaria estudada em outros contextos e tempos históricos denomino o fenômeno que pesquiso de “bruxaria moderna”, da mesma forma que chamo seus praticantes de bruxas e bruxos modernos, pois eles é que dão tal nomenclatura à sua prática (STARHAWK, 1993). É interessante notar como as práticas de bruxaria tradicional encontrada em textos antropológicos e históricos são fontes de inspiração e ensinamentos para as novas bruxas, mas estas, reconhecendo que seus contextos são diferentes, atribuem essa valorização “moderna”.

² Nesse sentido, bruxaria e feitiçaria são usados como sinônimos.

Embora esta forma de bruxaria se apresente no mundo contemporâneo como algo que pode vir a ser acessível a todos e não como algo oculto ou de difícil acesso, não é possível afirmar que essa disseminação de conteúdo sobre bruxaria tenha feito com que todas as barreiras de preconceito e de julgamentos que a enxergam como algo maligno, uma prática de povos "não civilizados" e passível de dúvidas desaparecessem. A bruxaria continua sendo vista com olhar de desconfiança, sobretudo por aqueles que praticam fés cristãs, e permanece sendo negada por aqueles que usam a ciência como um instrumento para rejeitar a sua existência. Ainda assim, existem grupos e indivíduos que veem nessa construção moderna da bruxaria uma forma de se colocarem no mundo, construírem sua subjetividade e resistirem, principalmente, ao patriarcado.

Metodologia

Para construir esta pesquisa optei por participar de diversos eventos e rituais que acontecem de forma pública no Rio de Janeiro e também da Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba (SP). Nestes espaços foi possível conhecer bruxas (os) que se tornaram interlocutores deste trabalho. De forma especial, participei com maior frequência das atividades oferecidas por uma escola de bruxaria situada no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro (RJ), chamada Círculo de Brigantia³. Optei pelo método etnográfico, com ênfase nas vivências obtidas em campo por considerar que o trabalho de campo é um momento crucial na pesquisa do antropólogo onde é possível conhecer o “todo” através do qual a observação irá adquirir sentido (LÉVI-STRAUSS, 1991).

Como afirma Márcio Goldman “o passar do tempo, entretanto, não é apenas o passar do tempo” (GOLDMAN, 2005: 150). O tempo faz com que os nativos possam se sentir mais abertos e íntimos para então fazerem revelações. Por isso, minha constante presença nos espaços em que meus interlocutores frequentavam foi decisiva para que me falassem coisas pessoais e também para eu poder fazer parte de um processo de comunicação não-verbal (FAVRET-SAADA, 2005). Nesse sentido, a metodologia do “ser afetado” de Favret-Saada torna-se importante também para minha pesquisa, pois é através dela que são estabelecidas as relações que vão além da fala.

Ao mesmo tempo em que me colocava como pesquisadora também me afirmava como bruxa aos olhos de meus interlocutores, por me considerar uma e falar abertamente sobre isso com eles. Se, em algumas ocasiões eles me falavam das aflições que a bruxaria gerava, como,

³ Brigantia é uma deusa celta que é cultuada pelos fundadores da escola.

por exemplo, à espera da realização de um feitiço ou a incompreensão dos sinais dos deuses, eu falava também das minhas. Misturando essas duas posições é que meu próprio lugar se desenhava junto a um objeto tão familiar (VELHO, 1980).

Considerações

Essa pesquisa busca contribuir significativamente para os estudos de bruxaria por lançar um novo olhar para um tema clássico da antropologia e por sanar lacunas acerca das investigações que até agora priorizaram o viés religioso quando se debruçaram sob tal temática na atualidade. Reconheço que os estudos sob bruxaria moderna, principalmente os que abordam as questões acerca da religião Wicca, são importantes para a construção desse trabalho, porém, limitar-se a analisar tal fenômeno apenas sob a ótica religiosa é diminuir significativamente os possíveis resultados e descobertas desta pesquisa.

Diante disso, entender que os espaços e eventos nos quais realizei minhas observações e as trocas com meus interlocutores indicavam um campo demasiadamente amplo e com uma diversidade de definições sobre o que significa ser bruxa foi fundamental para começar a buscar o que havia de unidade entre pessoas que construía a sua prática a partir de diversos vieses.

Compreendi que o que liga essas bruxas e bruxos não é uma religiosidade pagã, pré-cristã e voltada ao culto à natureza, como eu havia entendido a priori. As pessoas se reúnem e aprendem uma tiragem de tarô, uma propriedade mágica de uma erva ou de uma pedra, uma maneira de fazer feitiço usando um espelho, um boneco, nó ou agulhas. Se tais práticas independem da religiosidade seguida pela bruxa ou pelo bruxo, então o que liga todas essas pessoas são os métodos e técnicas utilizados em suas práticas de bruxaria – ou seja, o trabalho, o ofício da bruxa.

Referências

CASTRO, Danyel. Sob a sombra da samaumeira, uma roda de neopagãos: o neotribalismo na relação entre religião e espaço público a partir do Encontro Social Pagão em Belém, Pará. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 13, pp. 23-38, 2016

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.13, p. 155-161, 2005.

FRAZER, James George. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, pp. 149-153, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Magia, ciência e religião**. Edições 70, 1988.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Rosalira. Ouvindo uma terra que fala: O renascimento do paganismo e a ecologia. **Revista Nures**, São Paulo, n. 11, pp.1-9, 2009.

STARHAWK. **A Dança Cósmica das Feiticeiras**. Porto Alegre: Nova Era, 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.